



A COMÉDIA PORTUGUESA. *Chronica Semanal de costumes, casos, política, artes e letras* – juntou-se ao cardápio da imprensa do final do século XIX a 6 de **Outubro de 1888**. Fazia jus à sua qualidade e interesse com a direcção de dois autores já conhecidos do público, pelo menos do alfacinha: **Marcelino Mesquita**¹ que assegurava a direcção literária, e **Julião Machado**²

¹ Marcelino António da Silva Mesquita nasceu no Cartaxo, a 1 de Setembro de 1856, no seio de uma família abastada, envolvida na produção e comercialização de vinhos. Estudou em Lisboa, formando-se em Medicina. As exigências da vida académica nunca o impediram de se envolver na boémia da capital, cultivando amizade com os intelectuais e artistas. Dada a sua vocação para as artes e as letras, rapidamente encontrou espaço na imprensa para os seus rasgos criativos. Ao que parece, a sua estreia nas lides jornalísticas aconteceu em 1881, no *Pae Anselmo* (1879-1885), assegurando a secção «Risos e Satyras». Cerca de um ano depois alargou a sua colaboração ao *Diário Ilustrado* (disponível na HML), ao *Diário Popular* (disponível na HML), ao *Correio da Manhã* e possivelmente a outros títulos. Mas a sua grande paixão era o teatro. A sua primeira peça, «Leonor Telles», estreou-se em 1876, e a entusiástica recepção do público abriu-lhe as portas para novos projectos. Marcelino Mesquita deixou uma obra significativa como dramaturgo, cultivando sobretudo o drama histórico, de sabor épico. Mas nesta pequena nótula biográfica apenas salientamos a sua actividade na imprensa e na política. Em 1885, regressou ao Cartaxo, onde contraiu matrimónio e praticou medicina durante dois anos. Marcelino também participou activamente na vida política e social da sua terra natal. Fundou o jornal *O Chronista* (1886-1888) e, nas eleições parlamentares de Março de 1887, apresentou-se como candidato do Partido Regenerador, pelo círculo eleitoral n.º 83 (Cartaxo), mas foi derrotado. Cerca de um ano depois, Marcelino vendeu o jornal e regressou a Lisboa, na ideia de se instalar definitivamente, ou por larga temporada, na capital. Montou consultório médico e fundou a *Comédia Portuguesa*, na qual assinava com o pseudónimo “Mendo” ou com as iniciais do seu nome “M.M.”. Em Março de 1890, foi novamente candidato, pelos regeneradores, às eleições para a câmara dos deputados. Desta vez concorreu pelo círculo plurinominal n.º 57 (Guarda) e saiu vencedor. Marcelino desempenhou as suas funções de deputado até ao final da legislatura (Abril de 1892). Esta experiência poderia explicar o encerramento da *Comédia*, não fora a notícia de ter fundado, em Janeiro de 1891, o jornal *Portugal*, que dirigiu durante 6 meses. Apesar da vida desgastante que levava, num constante vaivém entre o Cartaxo, ao qual continuava preso por compromissos políticos, e Lisboa, onde residia e cultivava as letras; e das dificuldades enfrentadas pelo país, quer no plano nacional (a bancarrota eminente), quer no plano internacional (ultimato inglês), Marcelino manteve o interesse pela vida parlamentar e tentou renovar a sua candidatura, agora pela terra natal. Como não encontrasse abertura para o projecto regenerador, Marcelino tentou a sorte como independente. Mas os seus conterrâneos e a imprensa local, que lhes dava voz, alimentaram sempre uma grande desconfiança quanto aos apoios políticos que sustentavam aquela candidatura. Marcelino Mesquita acabou por ser derrotado na eleição de 23 de Outubro de 1892. Nos anos seguintes (1893-4), fez novas tentativas para regressar ao parlamento, mas todas se goraram. Passou então a investir mais na sua carreira literária, particularmente como dramaturgo, que era afinal a sua vocação. Envolveu-se em vários projectos culturais e levou à cena no Teatro D. Maria II alguns sucessos de bilheteira. Foi neste contexto que se deu um dos episódios que o vinculam ao ideário republicano: em reconhecimento pelo seu trabalho como autor, o rei D. Carlos quis condecorá-lo, mas Mesquita recusou a honraria invocando as suas convicções republicanas. Existem outras histórias que sustentam a sua ligação ao Partido Republicano Português, mas não há provas da sua filiação. O mais certo é que se tenha verificado uma aproximação, motivada pelo desgaste da monarquia constitucional e a



que garantia a ilustração. Duas figuras da boémia artística e literária de Lisboa, *habitués* da tertúlia que se reunia na *Cervejaria Leão de Ouro*, na antiga Rua do Príncipe (hoje 1º de Dezembro), e de outras tantas que despontavam pelos cafés, clubes e grémios.

A *Comédia Portuguesa* conheceu duas “vidas”: a primeira, **de 6 de Outubro de 1888 até 19 de Dezembro de 1889**; a segunda, depois de uma paragem de treze anos, **de 28 de Janeiro a 31 de Dezembro de 1902**, mantendo basicamente o mesmo elenco dirigente. Em Janeiro de 1903, **fundiou-se com A Paródia**, de Rafael Bordalo Pinheiro. Marcelino Mesquita assumiu a direcção literária deste «*trust da gargalhada*»³. Os dois autores, Bordalo e Mesquita, já se conheciam de longa data e é certo que os unia uma sólida amizade, não

desilusão com o regime, mas também pela amizade que tinha com alguns membros do partido. A *Comédia Portuguesa*, que Marcelino ressuscitou em 1902, reflecte essa proximidade, na medida em que fez subir o tom da sua verrina. Mas o jornal nunca defendeu a implantação da República. Mesquita manteve até ao fim da sua vida a sua ligação ao teatro, à imprensa e às letras. Faleceu em 8 de Julho de 1919.

² Julião Félix Machado nasceu em Angola a 19 de Junho de 1863, no seio de uma família de negociantes abastados, de origem açoriana. Quando chegou o momento de dar prosseguimento aos primeiros estudos, veio para Portugal. Primeiro, esteve em Coimbra, depois veio para Lisboa. A sua irreverência inata e dom natural para o desenho depressa atraíram a atenção e serviram-lhe de cartão de visita nos ambientes culturais e boémios da capital. Frequentou o célebre Grupo do Leão d'Ouro, onde confraternizou com Fialho d'Almeida e Marcelino Mesquita, Rafael Bordalo Pinheiro, Columbano, Manuel Gustavo, etc. Rapidamente conquistou um lugar na imprensa como caricaturista, repartindo o seu humor por um número crescente de periódicos, como sejam: *O Diabo Coxo*, em 1886; a *Revista Ilustrada*, em 1887; a *Comédia Portuguesa*, que co-fundou e dirigiu, em 1888-89; o *Diário Ilustrado*, também em 1888 (disponível na HML); a *Gazeta de São Carlos*, em 1889; os *Pontos nos ii*, em 1890 (disponível na HD); a *Baixa*, que dirigiu em 1891. Em 1902, Julião Machado decidiu ir para Paris, em busca de um ambiente mais estimulante do ponto de vista estético. Mas as dificuldades que enfrentou para se estabelecer e ganhar a vida como caricaturista levaram-no a procurar a sorte do outro lado do Atlântico. Acabou por fixar-se no Rio de Janeiro, onde foi recebido como renovador e desenvolveu escola. Colaborou activamente com a imprensa brasileira, nomeadamente com: *Gazeta de Notícias*; *Bruxa*; *O Jornal do Brasil*; *O País*; *Cigarra*, entre outros; e internacionalizou-se publicando em jornais alemães, franceses e italianos. Em 1905 regressou a Portugal, mas já antes havia retomado as suas relações com a imprensa nacional, colaborando com a *Ilustração Portuguesa* (disponível na HD) e o *Jornal Brasil-Portugal* (disponível na HD). Desgostoso com a experiência, em 1907 regressa ao Brasil, de onde só volta, definitivamente, em 1920. Ainda publicou trabalhos n' *O Século*, em 1916 (disponível na HML) e, em 1924, no *Comércio do Porto Ilustrado* (disponível na HML). Julião Machado, para além de caricaturista e ilustrador de jornais e livros, também se dedicou à cenografia, fez jornalismo e escreveu diversas comédias dramáticas. Faleceu a 1 de Setembro de 1930.

³ Cf. *Paródia. Comédia Portuguesa*, n.º 1, de 14 de Janeiro de 1903, na qual se adiantam razões para a fusão.



obstante a aparente concorrência em que se encontram na esfera da imprensa. Quando a *Comédia* se estreou, já os *Pontos nos ii*, de Rafael, ocupavam as bancas e os quiosques desde 1885. Mas a perspectiva da coexistência não acarretou qualquer melindre, pelo contrário. Bordalo até fez questão de dar as boas vindas ao novo periódico, reproduzindo na 1.^a página a marca gráfica da *Comédia Portuguesa*⁴. Uma gentileza que foi retribuída, com idêntico protocolo, no terceiro número da *Comédia*. Ainda sobre esta alegre convivência, é de sublinhar a existência de várias características comuns às duas publicações, quer na forma, quer no conteúdo, nomeadamente: o número de páginas (8), a cor no miolo (preto), o preço de venda do número avulso (60 réis)⁵, e a arrumação das páginas. É notório que iam ao encontro do mesmo público, e em primeiro lugar, do lisboeta, já que as duas publicações estavam sedeadas na capital. Também cumpriam a mesmo ritmo de edição: semanal; apenas divergindo no dia da semana, provavelmente, para não enfastiar os leitores, que não seriam muitos: *Pontos nos ii* saía às quintas-feiras e a *Comédia* aos sábados⁶. Esta analogia e camaradagem entre as duas publicações traduz a natureza deste tipo de imprensa: mais do que projectos empresariais, orientados para a venda e o lucro, esta imprensa estava imbuída de um espírito de missão cívica, política, etc.; a sua sobrevivência financeira dependia, em grande parte, do esforço pessoal e da disponibilidade dos dirigentes e da “rede social” (assinantes) que conseguiam atrair.

Terão pertencido à redacção d' *A Comédia*, pelo menos, **Fialho de Almeida**⁷ e **Silva Lisboa**⁸. Mas durante os dois períodos em que se publicou (1888/89 e

⁴ Cf. Os *Pontos nos ii*, n.º 178, de 11 de Outubro de 1888.

⁵ A partir de 1902, o preço avulso da *Comédia* é reduzido para 20 réis (número avulso). Considerando a inflação galopante que caracterizou aquela época, essa opção só faz sentido como medida, esforçada, para que o periódico fosse acessível ao bolso do maior número de leitores possível. Propósito que não seria alheio à intensificação da luta política.

⁶ A partir de 31 de Outubro de 1889, a *Comédia* passou a sair às 5.^a feiras, mantendo esse calendário até ao final do ano.

⁷ José Valentim Fialho de Almeida (n. Vila de Frades, 7.05.1857 – m. Cuba, 4.03.1911), formou-se em medicina, mas foi nas letras que se evidenciou. De espírito observador e de apurado pendor satírico, fez-se um panfletário e um escritor apreciado e temido. Manteve uma forte ligação com a imprensa, distribuindo as crónicas e contos, por vários periódicos, de diferente natureza. Um dos mais carismáticos foi *Os Gatos* (1889-1894), que são exclusivamente da sua lavra. Na *Comédia Portuguesa*, Fialho de Almeida assina, quase sempre, como “IRKAN”, pseudónimo que já o havia usado nos *Pontos nos ii*.

⁸ Quase nada se apurou sobre este personagem. Alguns autores que o referem identificam-no como jornalista. A sua ligação à *Comédia* terá tido início em Outubro de 1888 (n.º 4), quando substituiu Henrique Dias na administração. A partir de Outubro de 1889 (n.º 1) passa a fazer



1902) a *Comédia* contou com muitos **colaboradores, quer literários, quer gráficos**, que na sua maioria assinavam com regularidade. Formavam um conjunto bastante eclético como se poderá constatar. Assim, no primeiro período, participaram os seguintes autores: **Alberto Osório de Castro** (poeta e escritor; Coimbra, 1868 – Lisboa, 1946), **Carlos de Moura Cabral** (escritor e comediógrafo; Lisboa, 1852-1922), **Eduardo Augusto Vidal** (escritor e jornalista; Lisboa, 1841-1907), **Fernando Leal** (militar e escritor; Margão, 1846 – Goa, 1910), **João de Deus** (poeta; S. Bartolomeu de Messines, 1830 – Lisboa, 1896), **João Saraiva** (João Baptista Pinto Saraiva?, poeta e jornalista; Porto, 1866 – Lisboa, 1948), **Theophilo Braga** (político, escritor e ensaísta; Angra do Heroísmo, 1843 – Lisboa, 1924), **Thomaz Ribeiro** (Tomás Ribeiro, escritor e político; Tondela, 1831 – Lisboa, 1901)⁹; no campo da ilustração, **Roque Gameiro** (desenhador e pintor, especializado na arte da aquarela; Minde, 1864 – Lisboa, 1935) foi um colaborador regular da *Comédia*, a partir de Março de 1889, para a qual criou uma série de retratos de personalidades. Em Abril desse ano foi também publicada uma ilustração assinada por **A. Nunes** (sobre o qual não se encontrou informação).

No que concerne ao segundo período (1902), importa antes de mais assinalar o desaparecimento da referência a Julião Machado, como ilustrador da publicação, e de Roque Gameiro. Os dois autores não colaboraram com a “nova” *Comédia*. Mas a caricatura e a ilustração não diminuíram, e passaram a ser asseguradas por um leque de criativos bastante diversificado, como **Celso Hermínio**¹⁰, **Francisco Teixeira**¹¹ e **Francisco Valença**¹². Estão presentes

parte da redacção, sendo substituído na administração por Victor Lisboa, de quem também não encontramos notícia.

⁹ Estão presentes outras assinaturas, algumas das quais prováveis pseudónimos, que não foram possíveis de identificar, como: “JAK”, “Silva Gayo”, “Rui Pardo”, “António Lemos” e “Sal Moura”.

¹⁰ Celso Hermínio de Freitas Branco (n. Lisboa, 1871 – m. Lisboa, 1904). A sua obra está presente em diversos jornais, com os quais colaborou ou que fundou, nomeadamente: *António Maria*, *Berro*, *Micróbio*, *Universal* (suplemento), *Século*, *Pátria*, *Popular*, *Marselhesa*, *Branco e Negro*, *Diário de Notícias*, *Correio da Manhã*, *Geração Nova* (Porto), *Arte* (Coimbra), *Brasil Portugal*, *Paródia*, *Carantonha*, entre outros. Também ilustrou livros e expôs os seus trabalhos por diversas vezes.

¹¹ Francisco Luiz Teixeira (n. Mirandela, 27/07/1865 – m. Lisboa, 1911), consta que foi funcionário das Alfandegas, mas a sua vocação para o desenho levou-o a ultrapassar as fronteiras da secretaria. Como era então comum, foi na imprensa que ganhou notoriedade. Os seus trabalhos distribuem-se pelas páginas de várias publicações como: *O Século - Suplemento Humorístico* (1899 a 1907); *A Comedia Portuguesa* (1902); *Novidades* (1905); *Paródia* (1907); *Tiro e Sport* (1910); *Ilustração Portuguesa*, da qual assumiu a direcção artística da 2.ª e 3ª séries. Também ilustrou livros, produziu cenários e pintou.



outras assinaturas gráficas e de um “E Menezes” que não foi possível identificar. Quanto à componente literária, em 1902, aparentemente, a *Comédia* manteve um leque diversificado de colaboradores. Esta ressalva tem origem na dificuldade que sentimos em identificar a maioria das assinaturas em presença por se encontrem em formato de siglas ou pseudónimos. Situação que deverá ser entendida como reacção à nova moldura legal da liberdade de imprensa: a Lei de 13 de Fevereiro de 1896, que veio agravar o garrote imposto pelo Decreto ditatorial de 29 de Março de 1890. No fundamental, a nova legislação aumentou a arbitrariedade da acção repressiva e a dureza das penas aplicadas¹³. Do “núcleo duro” anterior, é de sublinhar o desaparecimento dos pseudónimos utilizados de Marcelino Mesquita e de Fialho, “Mendo” e “IRKAN”, que foram certamente substituídos por outros, pois ambos continuam envolvidos com a publicação. Dos colaboradores, apenas se mantêm João de Deus e Teófilo Braga. Da carteira dos “novos” terão feito parte: **António Augusto Gonçalves** (que assina “L.R.”; escritor e arqueólogo; n. Coimbra, 1848 – m. Coimbra, 1932), **Artur Ernesto Santa Cruz Magalhães** (que assina “Riso Amargo”; escritor e poeta; n. Lisboa, 1864 – m. Lisboa, 1928), **Carlos Rodrigues Simões** (que assina “Antão Veríssimo”; publicista e funcionário público; n. Lisboa, 1878 – m. Lisboa, 1939), **Edmundo Navarro** (desconhecido; é referido no n.º 28, de 1902 como colaborador que partiu para o Brasil, para representar a *Comédia*), **João de Lemos** (poeta; n. Régua, 1819 – m. Figueira da Foz, 1890), **José Inácio de Araújo** (que assina “J.I. d’Araujo”; poeta e escritor; n. Lisboa, 1827 – m. Lisboa, 1907), **Narciso Lacerda** (poeta; n. Porto, 1858 – m. Porto, 1913), **Thomaz de Carvalho** (que assina T.C.; n. Porto, 1819 – m. Lisboa, 1897), entre outros¹⁴.

¹² Francisco Valença (n. Lisboa, 1/12/1882 – m. 17/01/1963). Estreou-se em 1900, no quinzenário *O Chinelo*, que co-fundou com os escritores André Brun e Carlos Simões. Seguiram-se outros projectos, como o *Salão Cómico* (1902), os *Varões Assinalados* (1909-11) e *O Moscardo* (1913). Todos de curta duração. Seria fastidioso, e por demais extenso, referir todos os jornais e revistas onde colaborou, pelo que se destacam apenas os de natureza humorística: *O Século - Suplemento Humorístico* (1904-08); *A Sátira* (1911); e o *Sempre Fixe* (1926-59). Ilustrou vários livros e participou em diversas exposições individuais e colectivas. Em paralelo com a sua carreira de caricaturista, foi desenhador técnico do Museu Etnológico Dr. Leite Vasconcelos, entre 1926 e 1952, ano em que se reformou. Entre as medalhas e prémios recebidos contam o Grande Prémio na Exposição Internacional do Rio de Janeiro (1921) e a 1.ª Medalha de Caricatura nas Exposições da S.N.B.A.

¹³ A legislação encontra-se acessível na Hemeroteca Digital: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/LeisdeImprensa/MonarquiaC.htm>.

¹⁴ Ficaram por identificar os seguintes pseudónimos e iniciais: “A. France”, “ARIEL”, “Batoque”, “Bonifácio”, “ENA”, “F.R.”, “João do Grão”, “L.B.”, “Mazagão”, “Nero”, “N.T.”, “YERMA” e “Venâncio”.



Quanto aos **conteúdos e ao posicionamento** da publicação em relação à realidade que a envolve, o título, “*A Comédia Portuguesa*”, aplicado a uma crónica semanal centrada nos «costumes, casos, política, artes e letras», denunciava, à partida, uma avaliação negativa do país por parte da direcção da publicação e, simultaneamente, a opção por praticar uma crítica humorística, estilo muito em voga no final do século. É possível estabelecer analogias, sobretudo ao nível do discurso, entre *A Comédia Portuguesa* e *As Farpas*, de Ramalho Ortigão e de Eça de Queirós, que tiveram início em 1871, e que se mantiveram até 1888. Note-se que a publicação começa por se auto-intitular «Chronica», só em 1902 se assume como «Revista Semanal». Mas também é inegável que a forte presença da caricatura a tornava graficamente semelhante ao *António Maria* (1.ª série, 1879-1885) e ao jornal que lhe sucedeu, o *Pontos nos II* (1885-1891), ambos de Bordalo Pinheiro. O seu objectivo era, antes do mais, o de confrontar a sociedade portuguesa (pelo menos, a escolarizada e eleitora) com os seus vícios e perversões, na ideia de que esse embate teria um efeito pedagógico ou terapêutico. Assim o confirma o editorial redigido para o primeiro número, onde se esclarecia que o propósito da *Comédia Portuguesa* era «a crítica moralisadora e fecunda» da sociedade portuguesa, considerada sob diferentes perspectivas. Mas, foram avisando que essa crítica não seria «menos cruel, por delicada». E não perderam a oportunidade de lançar a sua primeira farpa em direcção ao seu alvo predilecto, garantindo que o programa editorial da *Comédia* «não terá a graciosa propriedade de ser apenas amontoado de palavras, sem importancia com[o] os programmas politicos da nossa terra». De facto, a política e os políticos (enquanto classe ou grupo) foram a principal fonte de inspiração do motejo que, semanalmente, encheu as páginas da *Comédia Portuguesa*. Não restam dúvidas, de que deste enfoque permanente e de efeitos demolidores, que levou ao descrédito do regime monárquico-constitucional, muito aproveitaram os que vinham defendendo que a solução para o país estava na República. Mas nada permite afirmar que a *Comédia Portuguesa* perfilhasse o ideal republicano. Aliás, as referências ao Partido Republicano Português e aos republicanos só esporadicamente apareceram na publicação e nem sempre emoldurados por um comentário positivo. Poder-se-á, portanto, considerar que, do ponto de vista político, a crítica veiculada pela *Comédia Portuguesa* (ainda) se posicionava no quadro do regime monárquico-constitucional, isto é, **aparentemente não tinha em vista a sua eliminação, mas sim a sua reforma profunda**. A ideia que subjaz à *Comédia Portuguesa* é a de que essa reforma teria que ser alavancada pelas elites intelectuais. Era nelas que residia a esperança. Das instituições corrompidas pelos burgueses ou do povo – ignorante, subserviente e



manipulado, ou vítima de todos esses males – nada havia a esperar. O país, tal como a *Comédia Portuguesa* o retratava, estava imerso numa atmosfera de decadência moral. O almejado progresso civilizacional alicerçado no parlamentarismo revelara-se uma quimera em Portugal. Em resultado da impreparação cívica e cultural do país, haviam-se pervertido valores, princípios, modos de vida, todo o sistema político-partidário que sustentava o regime. A cidade era encarada como o maior foco contaminador. E, em jeito romântico, cantavam o mundo rural, enaltecendo-lhe a imobilidade, as tradições, etc.

Paradoxalmente, **não poupavam os padres, nem tampouco a Igreja, enquanto instituição.** Mas a razão da sua crítica estava mais centrada no entrosamento entre a Igreja e o Estado, do que em questões de natureza religiosa. Aos padres imputavam uma quota importante no fracasso do sistema político, na medida em que estes se imiscuíam no acto eleitoral, arregimentando o voto dos crentes a favor deste ou daquele candidato. Essa interferência consubstanciava-se ainda na colaboração da Igreja com o poder (e vice-versa), marcando presença, por exemplo, nas cerimónias oficiais. O resultado desta miscelânea era a extinção do verdadeiro sentimento religioso, que a *Comédia Portuguesa* não deixava de pregar a pretexto de qualquer celebração que levasse o povo às ruas, como a procissão de Jesus:

«Uma procissão é hoje um espectáculo como outro qualquer, onde o povo vae para se divertir, sem sombra de respeito, sem uma idéa de prece, de oração, de adoração intima.

Nada o leva alli a não ser a curiosidade, e d’ahi o desrespeito do porte, o picante do commentario. Tudo o que o olhar do crente veria com respeito, antepõe-se-lhe como motivo de satyra.

A procissão de Jesus, morta há quatorze annos podia muito bem não ressuscitar a semana passada.

O que ganhou com ella, a religião, a egreja? Coisa alguma.

Naturalmente perdeu. O logar dos santos é nos altares: a rua é para a vida, para o trabalho, para a luta dos homens.

Orar na rua será o mesmo que mercadejar no tempo.»¹⁵

Esta procura da ordem social e moral, que transpira conservadorismo, reflecte-se noutro alvo: **a mulher.** Se descontarmos os políticos, o grupo feminino é, sem dúvida, o mais satirizado na publicação. Observa-se, sobretudo, uma crítica constante à sua presença no espaço público (ruas, cafés, salas de

¹⁵ Cf. *Comédia Portuguesa*, n.º 40, de 6/06/1889, p. 1.



espectáculo, etc.); aos seus novos hábitos e práticas, como fumar e beber, praticar desporto; às novas tendências da moda, tida por “obscena” ou mesmo “imoral”; às suas novas aspirações relacionadas com os estudos superiores, o trabalho, a vida política do país, as suas organizações, o direito à opinião, entre outros aspectos. Concluindo, do conjunto de gafes gráficas e comentários em prosa e em verso é possível extrair a dimensão da desconfiança e do ressentimento social provocado pela “questão feminina”.

Graficamente, é de realçar que a **preferência de Julião Machado pela caricatura social**, ao invés da caricatura de indivíduos concretos, estava em perfeita harmonia (ou condicionou) com o tipo de abordagem crítica que caracteriza a *Comédia Portuguesa*. Como se pode observar, durante a sua direcção artística (1888-9), são muito raras as caricaturas de políticos ou de outras personalidades. Invariavelmente, Julião Machado produzia verdadeiras crónicas gráficas, confrontando o leitor com as atitudes, valores, tiques que definiam diferentes grupos sociais (ou que eram aceites como definidores), que podiam ser captados sob diversos critérios, desde o político (progressistas, republicanos...) ao sócio-profissional (as feministas, os burgueses, os banqueiros, as peixeiras...). As páginas centrais eram o espaço ideal para estas narrativas, onde a legenda tinha um papel relevante. Revela-se nestas composições gráficas uma certa analogia com a banda desenhada. Esteticamente, o trabalho de Julião Machado distinguia-se pelo seu traço requintado, com recortes proporcionados, com um certo realismo, claramente distinto da escola de Rafael Bordalo Pinheiro.

De entre todas essas narrativas desenhadas chama-se a atenção para a que ocupa as páginas centrais do n.º 22, de 9 de Março de 1889. Tem por mote o Carnaval em Lisboa que, desde 1887, era assinalado com uma «Batalha das Flores» que se desenrolava pela Avenida abaixo. O modelo cenográfico fora importado de outras capitais europeias, como alternativa “civilizada” ao figurino burlesco do carnaval nacional¹⁶. A iniciativa terá sido bem acolhida pela opinião pública, alimentada pelos comentários positivos de grande parte da imprensa. Mas também se levantaram vozes contra, clamando contra a perversão da alma nacional. A *Comédia Portuguesa* alinhava o seu discurso por esse diapasão. Não obstante, considerou que a «Batalha das Flores» – quer pela concentração de público, quer pelo ambiente de folia – oferecia o quadro ajustado para a realização de uma verdadeira campanha de auto-promoção ou

¹⁶ Gervásio Lobato, que redigia a «Chronica Semanal» da revista *Ocidente*, disponível na Hemeroteca Digital, fez o relato deste Carnaval de 1889 e recorda «a feição perfeitamente selvagem» do velho entrudo português. Uma visão diferente da veiculada pela *Comédia Portuguesa*. Vale a pena confrontar as duas leituras. Ler na *Ocidente*, n.º 368, de 11 de Março de 1889, pp. 1-2.



de marketing, como hoje dizemos. A acção encontra-se reportada nas ditas páginas centrais, que referem um «Cartão distribuído por uns gnomos». No Museu Bordalo Pinheiro existe um exemplar do documento¹⁷ e, considerando o seu interesse para o conhecimento da história da *Comédia Portuguesa* e da imprensa em geral, foi digitalizado e associado à colecção disponível na Hemeroteca Digital¹⁸.

A *Comédia Portuguesa* ressurgida em 1902 não mantém todas estas características. Os novos colaboradores gráficos – **Celso Hermínio, Francisco Teixeira, Francisco Valença**, entre outros – emprestaram à publicação o aspecto de **laboratório estilístico**, não só porque cada um tinha um traço próprio, como também se permitiram realizar algumas experiências ou ensaios, que, de alguma forma, iam anunciando um modernismo emergente. Assim, e considerando apenas o desenho humorístico, na *Comédia Portuguesa* encontra-se desde o grotesco, tantas vezes elaborado à custa de volumes e sombras; ao refinado, onde o rectilíneo recortava silhuetas e perspectivas amplas e claras. Outra marca que distinguiu a “nova” *Comédia* foi a presença da caricatura centrada em figuras concretas do domínio público, como sejam políticos, membros da família real, etc., por contraste com a “velha” *Comédia*.

É evidente que as matérias abordadas na *Comédia* vão muito além do que aqui se aflorou. No entanto, são aquelas que a definem ideologicamente, as que lhe configuram o âmago. De resto, a publicação fazia a crónica da vida política, satirizando diversos *fait-divers* da actividade governativa e da oposição; assinalava alguns progressos científicos e tecnológicos; e fazia a crítica literária e da programação cultural, com especial incidência no cartaz das principais salas de espectáculos de Lisboa e do Porto. Publicava ainda muita poesia, contos e algumas peças de teatro. As homenagens também eram frequentes, sendo assinaladas por textos de natureza biográfica, acompanhados do respectivo retrato. A partir de 1902, esta prática tornou-se rotineira e a maioria das edições apresentava na primeira página um retrato. Essa “nova” característica emprestava uma imagem mais sisuda ou formal à publicação. Pode-se admitir que se tratou de uma estratégia para camuflar a sua essência satírica. O controle sobre a imprensa e a liberdade de expressão em geral

¹⁷ MACHADO, Julião – *A Comédia Portuguesa*. [Lisboa: s.n., 1889]. Litografia: 161x120 mm, em cartão, impresso a duas cores. Col. Museu Bordalo Pinheiro: MRBP.GRA.1839.

¹⁸ Agradece-se a toda a equipa do Museu Bordalo Pinheiro, na pessoa do seu coordenador, dr. Pedro Braga, o interesse com que receberam a proposta da Hemeroteca Municipal no sentido de se agregar a folha publicitária da *Comédia Portuguesa*, integrada no espólio do Museu, à colecção da revista, que ia ficar disponível na Hemeroteca Digital. Bem como a rapidez e eficácia como todo o processo técnico de localização, tratamento e envio do documento se processou.



eram agora mais apertados, mas a *Comédia Portuguesa*, para «representar a vibração sã da alma portuguesa», tinha de aumentar o tom da sua verrina: só «a gargalhada mais franca» e «o bisturi mais agudo» podiam dar vazão à tensão crescente que se vivia no país.

Outra característica que distingue a *Comédia* de 1902 é a atenção dispensada aos autores brasileiros. Esse interesse traduzia, provavelmente, uma estratégia de implantação no mercado brasileiro. Para tal, contava, pelo menos, com um representante, Edmundo Navarro, conforme noticiou no n.º 28, de Agosto de 1902. É provável que a presença de Julião Machado no Rio de Janeiro também tenha contribuído para esta tentativa de internacionalização.

Rita Correia

Lisboa, 24 de Junho de 2011.

Bibliografia:

Grande enciclopédia portuguesa brasileira. Lisboa-Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Lda., [s.d.].

“*O Jogo da Política Moderna!*” *Desenho humorístico e caricatura na I República* (catálogo da exposição). Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. Direcção Municipal de Cultura: Grupo de Trabalho para as Comemorações Municipais do Centenário da República, 2010. ISBN: 972-8695-35-4.

LAPA, Albino – *Dicionário de Pseudónimos*. Compilado por Maria Teresa Vidigal. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1980.

MATOS, Álvaro Costa de - «Da Imprensa Humorística da Primeira República...», in *JJ - Jornalismo & Jornalistas*, n.º 44 (Out./Dez. 2010), pp. 50-64.

PIRES, Daniel – *Dicionário da imprensa periódica literária portuguesa do século XX*. Lisboa: Grifos, 1996.

RATO, António Conceição Filipe Duarte – *Marcelino Mesquita (1856-1919) : aspectos da sua vida e memória pública*. Dissertação de Mestrado em Estudos do Património apresentada à Universidade Aberta. Orientada por Maria Isabel João. Lisboa: Universidade Aberta, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.2/1363> [Consult. a 13/06/2011]



SOUSA, Osvaldo Macedo de – *História da arte da caricatura em Portugal*. S.l.: Humorgrafe/S.E.C.S, 1998. ISBN 972-8380-27-5.

SOUSA, História da Caricatura em Portugal - *Historia da Caricatura em Portugal - 1888 (Julião Felix Machado)*. 6/01/2009. Disponível em <http://humorgrafe.blogspot.com/search?q=Juli%C3%A3o+Felix+Machado>
[Consult. 13/06/2011]